

Nupcialidade no Sertão Paulista - Século XIX*

Edson Fernandes**

Introdução

Lençóis foi durante boa parte do século XIX uma “boca de sertão” paulista, última área habitada pelo homem branco, além da qual havia “terrenos desconhecidos” e “áreas habitadas por indígenas”, como a ela se referiam os mapas da época. Os esparsos e incipientes núcleos urbanos na fronteira do povoamento eram pontos de apoio de expedições que demandavam o grande sertão em que se caracteriza a parte ocidental da província paulista até as últimas décadas do século XIX. O vasto território compreendido pelos rios Tietê e Paranapanema foi ocupado por populações oriundas de áreas de povoamento mais antigo – paulistas e mineiras – que o disputavam aos remanescentes indígenas.

Esta área foi assim descrita pelo juiz municipal Joaquim Antonio do Amaral Gurgel, em correspondência às autoridades provinciais no ano de 1876:

É bastante attender que este termo é vastissimo em territorio, é o 1º da Provincia; da sede do termo aos campos novos de José Theodoro, que são os ultimos moradores, tem uma extensão de cincoenta leguas mais ou menos, a fóra os terrenos desconhecidos que estendem pelas margens do rio Paranapanema até a sua foz no rio Paraná, e deste rio subindo acima até a embocadura no rio Tiete, e deste subindo até pouco acima do lugar denominado porto embocadura de Lençóis; occupando uma área de muitissimas leguas. A

* Este trabalho é parte da tese de doutorado apresentada, em junho de 2008, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista – Franca/SP, sob orientação da Profª Drª Dora Isabel Paiva da Costa.

** Mestre em História Econômica pela UNESP – Araraquara/SP. Doutor em História pela UNESP – Franca/SP.

população não tem menos de vinte e tantas mil almas, cresce quase que diariamente com a emigração mineira para o lado do sertão¹.

A presença indígena na região é referência constante nos relatórios, correspondências e atas da câmara municipal. Os pedidos de auxílio frente à “ameaça indígena” beiram ao desespero. Em 1858, moradores do bairro do Bauru, distrito da vila de Botucatu, endereçaram uma petição ao presidente da Província de São Paulo, dando conta da situação em que viviam. Afirmavam que:

[...] não podendo mansa e pacificamente continuar no disfructo das propriedades, e frondosas terras que possuem, não só por compra, como também por posses que naquellas mattas fizerão, em tempos prometidos, enconsequencia de acharem-se vesinhando com grande porção de indígenas, que vagão por aquelles sertões, já fazendo assacinatos na vesinhança, os mais bárbaros possíveis a ponto de darem fim em famílias inteiras; o que acontece todos os annos, em tempos de roças.²

Todo este “perigo” representado pelos índios não impediu, no entanto, a ocupação de seu território, nem sua expulsão ou extinção. A região foi, aos poucos, sendo pontilhada de sítios isolados e bairros rurais ligados aos incipientes núcleos urbanos por arremedos de caminhos e estradas por onde circulavam pessoas, animais, mercadorias e o aparato jurídico-institucional do mundo “civilizado”.

Na região de Lenções, pequena parcela da população se concentrava no núcleo urbano da freguesia/vila – centro administrativo, religioso e comercial. A maior parte dos habitantes se espalhava pelos inúmeros bairros rurais da região, vivendo de sua agricultura de subsistência e de um eventual excedente comercializado nos mercados local e regional. Esporádicas idas ao núcleo urbano satisfaziam as necessidades religiosas (batismos, casamentos), comerciais (acesso ao mercado) e outras desta população, que se disseminava nos sítios e roçados distantes várias léguas ao redor.

¹ Caixa 296, Ordem 1091, Ofícios diversos 1849-1891, Pasta 2, AESP.

² NEVES, Correia das. *No Velho Bauru*. [S.l.: s.n.], [1961], p. 30-35.

O censo de 1872 (na província de São Paulo realizado apenas em 1874) registrou a população de Lençóes e de suas paróquias. A população livre da paróquia de Nossa Senhora da Piedade era formada por 5.185 almas, sendo que 2.644 eram homens e 2.541 eram mulheres. Para as demais paróquias que compunham o município de Lençóes, São Domingos e Santa Cruz do Rio Pardo, a população livre era, respectivamente, de 3.629 e 3.623 almas³. Estas duas últimas paróquias se situavam ainda mais sertão adentro, do que resulta sua menor população.

Tabela 1. População de Lençóes e paróquias, 1872

	Livres			Escravos			Total da população
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	
N. S. P. dos Lençóes	2.644	2.541	5.185	337	292	629	5.814
São Domingos	2.004	1.625	3.629	64	52	116	3.745
S. C. do Rio Pardo	1.948	1.675	3.623	109	100	209	3.832
Total	6.596	5.841	12.437	510	444	954	13.391

Fonte: BASSANEZI, 2001.

Ainda de acordo com o censo de 1872, Lençóes possuía 629 escravos, representando 10,8% da população. Destes, 337 eram homens e 292 eram mulheres. Para as demais paróquias que compunham o município de Lençóes, São Domingos e Santa Cruz do Rio Pardo, estas porcentagens eram, respectivamente, 3,1% e 5,5%. Em 1886, o número de escravos em Lençóes era de 436, representando 9,6% da população total. Eram 221 homens e 215 mulheres.

Nupcialidade da população livre no sertão

Para Maria Luiza Marcílio, “o casamento, antes de ser um fato biológico, é um fenômeno socioeconômico-cultural que se modifica segundo a época, os costumes, as regras e os contextos que o envolvem”⁴. Disso resulta que os sistemas

³ BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo (Org.). *São Paulo do passado*. Dados demográficos. Campinas: Unicamp, 2001. 1 CD-ROM.

⁴ MARCÍLIO, Maria Luiza. *Caçara: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2006, p. 174.

demográficos da nupcialidade não são semelhantes, diferindo no tempo, no espaço e segundo as categorias sociais existentes. Apesar deste alerta, encontramos algumas semelhanças no ato de casar dos habitantes da vila de Lenções e de algumas outras localidades do Brasil.

Ao analisar Sorocaba, Carlos de Almeida Prado Bacellar faz uma afirmação que serve também para a “boca do sertão” paulista:

Em sociedade tradicionais, tais como Sorocaba, onde a esmagadora maioria da população tinha poucas posses, vivendo de suas roças e espalhada por vastas áreas geográficas, o casamento ou a união consensual era, antes de tudo, o melhor caminho para se garantir condições mínimas de sobrevivência.⁵

Para a análise da nupcialidade da população livre da vila de Lenções, foram computados todos os casamentos, ou seja, aqueles realizados nas igrejas católica e presbiteriana e os registrados em cartório. Há casos e casos: duplo registro (igreja e cartório); apenas nas igrejas; apenas no cartório. E, o é pior, nem sempre as informações são coincidentes. Nestes de duplicidade não-coincidente, o procedimento adotado foi o de optar pelo registro que continha mais detalhes (nome dos padrinhos, profissão, local do evento etc). Geralmente, este aspecto estava presente nos registros dos cartórios.

No total, excluindo-se a duplicidade, há 1053 casamentos na vila e seu entorno, boa parte deles ocorrida no mês de fevereiro (TABELA 2), fenômeno comum a outras localidades da província e do país, conforme veremos adiante. Outros meses favoráveis ao matrimônio eram janeiro, maio, julho e setembro, ao passo que em abril, agosto, outubro e dezembro, estas ocorrências eram menores. Março, no entanto, era o mês mais evitado para estas cerimônias. Dezembro e março eram os meses coincidentes com as interdições religiosas da Quaresma e do Advento, portanto, respeitados pela população da vila. Os postos de melhor e pior mês (fevereiro e março)

⁵ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Viver e sobreviver em uma vila colonial: Sorocaba, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2001, p. 63.

Tabela 2. Movimento sazonal de casamentos. Lençóis, 1857-1889

Mês de casamento	Nºs absolutos	Divisor	Nºs diários	Nºs proporcionais
Janeiro	101	31	3,26	112,5
Fevereiro	136	28,25	4,81	166,0
Março	30	31	0,97	33,5
Abril	69	30	2,3	79,3
Maio	107	31	3,45	119,0
Junho	87	30	2,9	100,1
Julho	124	31	4	138,0
Agosto	82	31	2,65	91,4
Setembro	91	30	3,03	104,6
Outubro	67	31	2,16	74,5
Novembro	87	30	2,9	100,1
Dezembro	72	31	2,35	81,0
Total	1.053		34,78	1.200

Fonte: Tabela elaborada a partir dos registros de casamentos do ACB, do AIPILP e do CRCA

Tabela 3 - Sazonalidade comparada de casamentos na população livre

Meses	Ubatuba / 1800-1834 (a)	Sorocaba / 1683-1830 (b)	N. S. da Luz / 1751-1800 (c)	V. Rica / 1727-1826 (d)	Paróquia da Sé / 1728-1850 (e)*	Lençóis / 1859-1889
Janeiro	70	113	120,35	118	110	112,5
Fevereiro	144	173	158,18	231	168	166,0
Março	27	37	17,77	42	46	33,5
Abril	57	63	59,16	49	71	79,3
Maio	119	111	93,18	113	117	119,0
Junho	111	117	109,18	107	98	100,1
Julho	128	108	131,01	88	97	138,0
Agosto	113	102	111,97	98	105	91,4
Setembro	146	100	125,94	93	113	104,6
Outubro	97	85	107,15	98	97	74,5
Novembro	128	121	124,41	143	109	100,1
Dezembro	60	70	41,64	30	69	81,0

* Com alguns intervalos.

Fonte: (a) Marcílio, 1986; (b) Bacellar, 2001; (c) Burmester, 1974; (d) Costa, 1976; (e) Marcílio, 1973 e ACB, AIPILP e do CRCA.

para o casamento são comuns para a vila de Sorocaba⁶ e Nossa Senhora da Luz, paróquia de Curitiba⁷, conforme Tabela 3.

⁶ Ibid, p. 63.

⁷ BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. *A população de Curitiba no século XVIII segundo os registros paroquiais, 1751-1800*. 1974. 108 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

Segundo Bacellar, fevereiro era o principal mês concentrador das cerimônias matrimoniais em consequência da interdição religiosa da Quaresma (quarenta dias anteriores à Páscoa). Novembro e janeiro também seriam meses favoráveis influenciados pelas interdições do Advento (3 semanas anteriores ao Natal).

O mesmo autor afirma que os eventos cotidianos (principalmente ligados à agricultura) também deveriam intervir no calendário dos matrimônios: de agosto a novembro, realizava-se o plantio; em janeiro, dava-se a colheita; de maio a junho, preparava-se a terra. Somada à interdição da Quaresma, havia ainda uma conjuntura favorável a fazer de fevereiro um mês concentrador de casamentos: fim dos trabalhos de colheita e abundância de gêneros de primeira necessidade⁸.

A população curitibana da Paróquia de Nossa Senhora da Luz, segundo estudo de Ana Maria de Oliveira Burmester, respeitava os períodos de Quaresma e Advento, resultando daí uma menor ocorrência de casamentos nestes períodos. Os meses de maior ocorrência eram fevereiro, seguido por julho, setembro e novembro⁹.

A população de Campinas, analisada por Paulo Eduardo Teixeira, também seguia a mesma tendência: fevereiro era o mês de maior número de casamentos; novembro vinha depois. Eram os meses que antecediam as interdições religiosas. Teixeira notou, conforme dados dos registros, que os casamentos realizados nos tempos “proibidos” para tal sacramento, não recebiam as bênçãos nupciais¹⁰.

Em Lençóis, também encontramos referências desta natureza nos registros. No dia 18 de fevereiro de 1869, o casamento de José Indalecio Moreira e Mariana Josefa da Silva foi celebrado “sem bênçãos por não ser tempo competente”, o que ocorreu apenas no dia 05 de abril daquele

⁸ BACELLAR, op. cit., p. 77.

⁹ BURMESTER, op. cit., p. 60.

¹⁰ TEIXEIRA, Paulo Eduardo. *A formação das famílias livres e o processo migratório: Campinas, 1774-1850*. 2004. 296 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, 2004, p. 78.

ano¹¹. Do mesmo modo, o casamento de José Soares do Carmo e Josefa Maria, realizado em 1º de março do mesmo ano, também foi “sem bençãos por serem proibidas”. O casamento foi abençoado apenas a 10 de abril¹².

Iraci del Nero da Costa estudou a população livre e escrava de Vila Rica (1727-1826). Verificou uma situação similar a outras localidades: poucos casamentos nos meses de abril, março e dezembro e número relativamente elevado nos meses de fevereiro, maio e novembro, devido “às posturas religiosas contrárias a casamentos durante os períodos de ‘trevas’ ou ‘penitência’ que precedem o Natal (o chamado Advento) e da Quaresma — da quarta-feira de Cinzas à Páscoa”¹³.

Ubatuba, segundo estudo de Marcílio, seria uma exceção: setembro era preferido para casamentos por ser um mês de trabalhos menos estafantes, logo após o plantio das roças, e a pesca em mutirão das tainhas: “o maior esforço no campo ou na pesca correspondia a uma diminuição na freqüência dos casamentos”¹⁴.

A população paulistana da paróquia da Sé se comportava como as demais, no que se refere ao respeito pelo tempo proibido: menos casamentos nos meses de março, abril e dezembro.

Alzira Lobo de Arruda Campos, analisando São Paulo colonial, encontrou movimentos máximos de casamentos, em ordem decrescente, nos meses de janeiro, fevereiro e maio, e as menores taxas em março e dezembro. Segundo a autora:

[...] é compreensível que as pessoas evitassem se casar durante épocas em que estavam condenados regozijos, uma vez que a celebração de bodas costumava ser acompanhada por festas de confraternização entre parentes e amigos dos noivos. Cortejos, banquetes, bailes não se coadunavam com

¹¹ Livro de Casamentos 15, registro 54, ACB.

¹² Ibid., registro 55, ACB.

¹³ COSTA, Iraci del Nero da. Rica: (1727-1826). *Revista de História*, São Paulo, v. 111, p. 195-208, 1977, . 8. Disponível em: <http://historia_demografica.tripod.com/iddcosta/pdfs-ira/ar05.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2006.

¹⁴ MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 217.

os períodos de mortificação estatuidos pela Igreja.¹⁵

A idade ao casar

Bacellar levanta a hipótese de que a idade masculina ao casar estava diretamente relacionada à atividade econômica e ao grupo social considerado: jovens da elite agrária paulista tendiam a se casar mais tarde, devido à necessidade de prévia acumulação de recursos para constituir família. Já os pobres casavam-se em idade mais precoce, pois não havia patrimônio a ser partilhado. Muitos se “arranchavam” em terras alheias, como agregados¹⁶.

Uma menor parte dos registros lençoenses indica a idade dos nubentes: 248 indicam a idade dos noivos e 244, a das noivas. A média de idade, incluindo os que se casavam mais de uma vez, é de 26,54 para os homens e 20,05 para as mulheres. Do total de 1053 casamentos, 909 homens casavam-se pela primeira vez (86,3%); dentre eles, 213 indicaram a idade, resultando uma média de idade de 24,78 anos. As mulheres que se casavam pela primeira vez eram em 974 (92,5%); 223 registros apresentavam a idade: média de 19,05 ao primeiro casamento.

A menor idade encontrada para as noivas era de 13 anos (9 ocorrências). O noivo mais jovem tinha 16 anos (1 ocorrência). No dia 2 de março de 1889, um sábado, casaram-se João Bertoldo de Araujo, 22 anos, natural de Santa Bárbara do Rio Pardo, lavrador, analfabeto, e Ana Maria Benedita, 13 anos, natural de Lençóis, também analfabeta¹⁷.

A maior idade para um noivo que se casava pela primeira vez era 60 anos. No dia 29 de julho de 1888, Fabiano Barbosa dos Santos, 60 anos, natural de Campinas, casou-se com Maria, 26 anos, natural de São Carlos do Pinhal¹⁸. O fato de os pais do noivo serem nomeados apenas como Bento e Eufrásia e a noiva, apenas Maria, ser filha natural de Eva, pode indicar um passado

¹⁵ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 53.

¹⁶ BACELLAR, op. cit., p. 56.

¹⁷ Livro de Casamentos 43, registro 430, ACB.

¹⁸ Livro de Casamentos 43, registro 358, ACB.

de escravidão, uma vez que havia menores cuidados nos registros de escravos e forros.

A maior idade para uma noiva de primeiro casamento foi de 36 anos. A cerimônia de Manoel João Vicente, 24 anos, natural de Espírito Santo do Pinhal, lavrador, e Mariana de Jesus, 36 anos, natural de Belém do Descalvado, foi realizada no dia 23 de novembro de 1886, na igreja presbiteriana¹⁹.

Há significativas variações nas idades dos noivos,

Tabela 4 - Idade média comparada ao primeiro casamento

Local	Data	Homens	Mulheres
Lençóes	1859-1889	24,78	19,05
Oeste paulista (a)	1765-1836	27,7	19,0
Ubatuba – SP (b)	XVIII-XIX	21,6	20,8
Sorocaba (c)	1700-1810	24,7	19,9
Campinas (d)	1774-1850	23,4	17,4

Fonte: (a) Bacellar, 1997; (b) Marcílio, 2006; (c) Bacellar, 2001; (d) Teixeira, 2004, ACB, AIPILP e CRCA.

segundo os estudos considerados (TABELA 4). Em Lençóes, os noivos ficavam a meio caminho entre os precoces (Ubatuba) e os mais velhos (Oeste paulista), aproximando-se do encontrado em Sorocaba. Com relação às noivas, a variação é menor. Noivas lençoenses casavam-se segundo um padrão de idade comum às noivas de outras localidades, por volta de 19 anos, confirmando o que diz Bacellar a respeito de uma “forte tendência à uniformidade na idade feminina ao casar”²⁰.

A idade relativamente baixa do primeiro casamento em Ubatuba leva Marcílio a afirmar que “a sociedade camponesa apresentava, assim, uma elevada fecundidade, e a idade ao casar representava, para a coletividade, um meio de aumentar os nascimentos”²¹.

Dos casos analisados, as noivas de Campinas são as que apresentavam a idade mais precoce. A idade média de 17,4 anos para as mulheres e 23,4 para os homens contribuiu para um elevado coeficiente de fecundidade daquela sociedade²².

¹⁹ Livro de Casamentos, AIPILP.

²⁰ BACELLAR, op. cit., p. 55-56.

²¹ MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 173.

²² TEIXEIRA, op. cit., p. 66.

Para Lençóes, vale, mais uma vez, a observação de Marcílio para as sociedades caiçaras, com abundância de terras disponíveis:

O regime de alta natalidade e casamentos relativamente precoces deveria prevalecer, pois, aliado ao padrão de mortalidade elevada, e com a necessidade de braços familiares para tocar as lavouras. Nenhum obstáculo ou pressão social haveria no sentido de limitar a prole.²³

Como pequena parte do trabalho era tocada por mão-de-obra escrava, cujos proprietários controlavam diminutas escravarias, o trabalho familiar era indispensável para aqueles que queriam ver a riqueza brotar do chão. Casamento precoce, altas mortalidade e natalidade era a fórmula que garantiria a sobrevivência.

Recasamento

Marcílio faz uma observação que também é válida para Lençóes:

A necessidade de um recasamento é mais forte entre os camponeses mais pobres, sem escravos e com filhos muito pequenos. Os homens tinham maiores dificuldades de se manterem sós, sem companheiras, e procuravam, pois, buscar logo novo casamento.²⁴

Dentre os 1053 noivos da vila de Lençóes, 144 eram viúvos (13,7%). Apresentavam idade 35 registros, com uma média de 37,26 anos para os noivos viúvos. As noivas viúvas eram em número de 79 (7,5%), 21 delas com indicação de idade, com média de 30,67 anos.

No dia 20 de julho de 1889, Demigildo Miguel Antonio de Oliveira, 35 anos, natural de Pouso Alegre (MG), analfabeto, casou-se com Rita Ribeiro, idade 32 anos mais ou menos, natural de Lençóes, vivendo de “suas agências”, analfabeta²⁵. Demigildo era duas vezes viúvo: a primeira, há 15 anos, de Maria de Jesus; a segunda, há 6 anos, de Candida do Carmo. A noiva Rita também era viúva duas vezes: a primeira, há 9

²³ MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 174.

²⁴ Ibid., p. 175.

²⁵ Livro de Casamentos B02, registro 16, CRCA.

anos, de José Cipriano de Brito; a segunda, há 2 anos, de João Bento da Silva.

Em Lençóes, dos 1053 casamentos, 867 foram entre celibatários, totalizando 82,3% (TABELA 5). Casamentos entre viúvos eram raros, apenas 3,5%. A situação descrita por outros autores, com relação à maior facilidade do homem viúvo casar-se novamente, também é constatada em Lençóes: casamentos em que o homem é viúvo e mulher, solteira, totalizavam 10,2% dos casos; o inverso era mais raro: em apenas 4,0% dos casos, viúvas casavam-se com homens solteiros.

Em Campinas, os números encontrados por Teixeira apresentam pequenas variações: há um maior número de casamentos entre celibatários (90,5%); e raros casamentos entre viúvos, 0,2%²⁶.

Tabela 5 - Frequência comparada de casamentos e recasamentos

Marido /mulher	Campinas 1774-1850 (a)		Ubatuba 1799-1834 (b)		N. S. da Luz / 1751-1800 (c)		Paróquia da Sé 1728-1809 (d)*		Lençóes, 1857-1889	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
So/sa	1.416	90,5	519	77,9	1.267	89,4	2391	82	867	82,3
So/va	18	1,2	32	4,8	46	3,2	168	5,7	42	4,0
Vo/sa	127	8,1	102	15,3	99	7,0	317	10,9	107	10,2
Vo/va	3	0,2	13	2,0	5	0,4	41	1,4	37	3,5
Total	1.564	100	666	100	1.417	100	2.917	100	1.053	100

So – solteiro; sa – solteira; vo – viúvo; va – viúva.

* A autora dividiu seu estudo em dois períodos, 1728-1770 e 1771-1809.

Fonte: (a) Teixeira, 2004; (b) Marcílio, 2006; (c) Burmester, 1974; (d) Marcílio, 1973, ACB, AIPILP e CRCA.

A paróquia de Nossa Senhora da Luz, estudada por Burmester, também apresenta pequenas variações: alta incidência de casamentos entre celibatários; raras uniões entre viúvos²⁷.

Ubatuba apresenta uma menor frequência de casamentos entre celibatários, 77,9%. Os demais números mostram um comportamento parecido com as comunidades de Campinas e Lençóes: pequeno número de casamentos de viúvas com solteiros; mais raro, ainda, casamentos entre

²⁶ TEIXEIRA, op. cit., p. 75.

²⁷ BURMESTER, op. cit., p. 66-67.

viúvos; e uma freqüência maior de uniões entre viúvos e solteiras. A idade média do recasamento em Ubatuba era maior do que na vila de Lençóes: 40 anos para os homens e 36 para as mulheres.

Os números da Sé são muito parecidos com os de Lençóes: 82% de casamentos entre jovens solteiros; e uma maior porcentagem de viúvos com solteiras (10,9%), do que de viúvas com solteiros (5,7%)²⁸.

Costa (em seu estudo não apresenta números absolutos, apenas proporcionais) encontrou números parecidos para Vila Rica: em 91,58% dos casamentos os noivos eram celibatários; 4,24% de uniões entre viúvos e solteiras; 3,02% de viúvas e solteiros; e, finalmente, raros casamentos em que ambos os noivos eram viúvos, 0,72% . Em outros 0,44% de casos não estava especificado o estado conjugal dos noivos²⁹.

Tabela 6 - Calendário semanal de casamentos. Lençóes, 1859-1889

Dia da semana	N°s absolutos	%
Segunda	122	11,6
Terça	115	10,9
Quarta	91	8,6
Quinta	104	9,9
Sexta	39	3,7
Sábado	487	46,3
Domingo	95	9,0
Total	1.053	100

Fonte: Tabela elaborada a partir dos registros de casamentos do ACB, do AIPILP e do CRCA

O dia de casar

Sábado era, de longe, o dia mais procurado para as cerimônias matrimoniais em Lençóes, na segunda metade do século XIX (TABELA 6). Concentrava quase a metade delas, 46,3%. A segunda-feira era o 2º em preferência e, depois, a

²⁸ MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo: e população, 1750-1850*, com base nos registros paroquiais e nos recenseamentos antigos. São Paulo: Pioneira : Ed. USP 1973, p. 166.

²⁹ COSTA, op. cit. Acesso em: 11 dez. 2006.

terça-feira. O domingo, no entanto, era um dos dias menos procurados para esta cerimônia. A sexta, assim como na cerimônia do batismo, era um dia a ser evitado. Apenas 3,7% dos casamentos eram realizados neste dia de mau agouro. Este quadro apresenta semelhanças e diferenças com outras localidades consideradas neste estudo (TABELA 7).

Os dados coletados por Bacellar e Teixeira contestam a afirmação de Marcílio de que a preferência pelo domingo seria um comportamento típico das comunidades camponesas do Brasil arcaico. Enquanto esta autora encontrou ¼ dos casamentos no domingo, em Ubatuba, os outros dois viram a terça como o dia preferido. O sábado, para estes dois autores, não era um dia de destaque, em total desacordo com os dados de Lenções.

Bacellar dividiu seu estudo em períodos, encontrando uma preferência inicial pelo domingo e, para os períodos seguintes, uma tendência de queda deste dia e a instalação de um padrão em que a terça-feira é cada vez mais dominante. Observa a perda de representatividade de domingo, sábado e segunda, em favor da terça, enquanto outros dias mantiveram-se estabilizados³⁰.

O casamento marcado fora do fim de semana sorocabano, segundo o autor, talvez visasse a ressaltar a ocorrência da cerimônia, realizada em dias onde a vila, normalmente, estava esvaziada, chamando maior atenção para o evento³¹.

Tabela 7 - Quadro comparativo do movimento semanal de casamentos

Local	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom
Lenções / 1859-1889	11,6	10,9	8,6	9,9	3,7	46,3	9,0
Ubatuba / 1800-1830 (a)	16,9	14,9	11,0	11,4	2,0	17,9	25,9
Sorocaba / 1679-1830 (b)	13,5	31,1	15,5	15,8	3,7	7,9	12,5
Campinas / 1774-1850 (c)	13,3	28,9	15,9	15,7	6,5	11,2	8,4

Fonte: (a) Marcílio, 2006; (b) Bacellar, 2001; (c) Teixeira, 2004 E ACB.

³⁰ BACELLAR, op. cit., p. 83.

³¹ Ibid., p. 84.

Teixeira encontrou para Campinas também uma terça-feira dominante, embora, contrariamente ao caso sorocabano, tenha captado uma tendência de queda deste dia ao longo dos períodos em que dividiu sua análise. Paralelamente a esta tendência de queda, observou um aumento da procura pelo sábado, “num claro movimento de mudança de comportamento social diante do dia de casar”³².

Em Ubatuba, assim como em Sorocaba, Campinas e Lençóis, sexta-feira era um dia nefasto, “como em quase toda a cristandade desde os tempos medievais. No dia da Paixão e Morte do Senhor Jesus não se devia realizar casamentos, sob o risco de certa infelicidade conjugal”³³. O domingo era o dia preferido pelos caiçaras para as cerimônias de casamento. A preferência pelo domingo, comportamento social típico das comunidades camponesas do velho Brasil, segundo a autora, também se refletia na vida política: boa parte das reuniões dos edis de Ubatuba era realizada neste dia³⁴.

Ainda em Ubatuba, Marcílio considera que certos dias do mês eram considerados de mau augúrio para o casamento, entre eles o nefasto dia 13. Poucos casamentos eram realizados neste dia, assim como no dia primeiro de cada mês, por razões que a autora não chegou a detectar³⁵. Em Lençóis, não encontramos um dia de “mau augúrio” para o casamento, nem o tradicional dia 13. Embora tenha se realizado na vila um número de casamentos (25) menor que a média, ainda assim, era maior que outros dias que não tinham nenhuma aura de nefasto, por exemplo: 21 casamentos no dia 10; e 23 no dia 19.

Casar-se no sábado seria um comportamento singular que a gente da fronteira foi adquirindo. Era o dia em que a vila recebia os moradores dos arredores para as atividades burocráticas, religiosas e comerciais. Quase a metade dos casamentos de Lençóis era realizada neste dia, seguido pelas segundas e terças. Domingo era um dia de relativamente poucos casamentos. Em Lençóis, as sessões da câmara eram distribuídas pelos dias da semana, inclusive algumas aos

³² TEIXEIRA, op. cit., p. 81.

³³ MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 218.

³⁴ Ibid., p. 219.

³⁵ Ibid.

domingos. O calendário semanal de casamentos de Lenções, com a preferência pelo sábado, se aproxima do de Campinas, levando-se em conta que Teixeira encontrou para a aquela sociedade uma elevação da procura por este dia e que seu período de análise encerra-se em 1850, pouco antes do início do período de nossa análise. Talvez, então, casar-se aos sábados fosse um comportamento que estivesse se disseminando pelo interior paulista.

Consangüinidade

Maria Beatriz Nizza da Silva cita a observação do governador da Capitania de São Paulo, em 1800, a respeito da grande freqüência de uniões incestuosas nos sertões do Brasil:

Vivem as famílias dispersas pelos matos em pequenos prédios, que ou têm comprado, ou deles se têm assenhoreado, cujos prédios são aqui conhecidos com o nome de sítios. A distância, que ordinariamente separa estes sítios uns dos outros, deixa incomunicáveis as famílias, e põe entre eles uma divisão tal, que muito raras vezes se procuram os que entre si não têm alguma relação de parentesco.³⁶

Analisando os parceiros do Rio Bonito, interior de São Paulo, Candido diz que, no casamento, “preferiam-se os parentes, e algumas vezes não podia mesmo ser de outro modo, quando os moradores de um dado bairro eram ligados por consangüinidade ou afinidade próxima, não havendo fora deles grande margem de escolha”³⁷.

Estudando a população caçara de Ubatuba, Marcílio notou que “no seio do segmento livre da população de camponeses pobres, a consangüinidade é fenômeno comum”³⁸, embora fosse regra, igualmente, entre os maiores proprietários de terras e escravos. A explicação da autora relaciona a

³⁶ MENDONÇA, Antônio Manuel de Mello e. Memória econômico-política da Capitania de São Paulo. Anais do Museu Paulista, vol. XV, p. 98 apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz : Ed. USP, 1984. p. 127.

³⁷ CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964, p. 185-186.

³⁸ MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 223.

consangüinidade com o modo de vida, em moradias esparsas dos bairros rurais, formados por vasta parentela.

Utilizando o recenseamento de 1836, Eni de Mesquita Samara afirma que os bairros, na cidade de São Paulo, concentravam indivíduos em função do parentesco e grupo sócio-econômico:

A preponderância de famílias nucleares no meio urbano nessa época não exclui, portanto, as possibilidades de contato entre parentes. Na forma de ocupação do espaço se insere também a relação entre os moradores e a predominância de um certo tipo de atividade, o que provavelmente favorecia um maior entrosamento entre os elementos provenientes do mesmo estrato econômico, facilitando as uniões entre os casais.³⁹

Os casamentos se dariam, então, preferencialmente entre integrantes do mesmo grupo sócio-econômico e racial.

Além do parentesco entre nubentes estar relacionado ao modo de vida da população camponesa, o casamento entre parentes também envolvia estratégias, principalmente para os estratos superiores da sociedade. Para escolha do cônjuge em São Paulo colonial, “seleção social era mais significativa do que a econômica”⁴⁰. A nobreza, para alguns autores, era mais considerada do que a riqueza nas estratégias matrimoniais.

Outros autores, no entanto, enfatizam o aspecto econômico dos arranjos matrimoniais, estratégia de manutenção de riqueza dentro do grupo familiar. Samara, em seu estudo sobre as estratégias matrimoniais no Brasil no século XIX, afirma que:

[...] pelo menos para certos estratos da população, o casamento, visto sob essa perspectiva era um ato social de grande importância, polarizando vários interesses e fazia-se por isso num círculo limitado, sendo comuns as uniões de parentes afins, que tinha, como finalidade preservar a fortuna mantendo a linhagem e a pureza de sangue.⁴¹

³⁹ SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 48-49.

⁴⁰ CAMPOS, Lobo de Arruda. *Casamento e família em São Paulo colonial: caminhos e descaminhos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 149.

⁴¹ SAMARA, Eni de. Estratégias matrimoniais no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 93, set./fev. 1987/1988.

O mercado de casamentos de Ubatuba estava localizado dentro de cada grupo de vizinhança ou bairro rural. Segundo Marcílio, havia intensa consangüinidade e forte homogamia social nas sociedades caiçaras⁴².

Em Lenções, dezenas de casamentos de nubentes aparentados foram realizados no período analisado: 56, entre os 1053 (5,3%). Este fenômeno, como em outras localidades, é resultado da dispersão da população em bairros, muitos deles distantes da vila e formados por famílias. Porém, a estratégia de manter a fortuna do grupo familiar também verificou-se no sertão. Tais casamentos requeriam permissão do bispo.

No dia 14 de maio de 1887, um sábado, Manoel Amâncio de Oliveira Machado e dona Maria José Pinheiro Machado, “parentes em 2º grau mixto ao 1º de consanguinidade de linha transversal”⁴³, obtiveram dispensa de impedimento canônico e casaram-se no oratório particular da fazenda do coronel Joaquim de Oliveira Lima, pai de Manoel Amâncio e poderoso fazendeiro da região. Para Campos, a possibilidade de conseguir autorização para que as bodas fossem realizadas na casa do noivo “demonstra, ainda uma vez mais, a plasticidade da igreja quanto a modalidades do ritual”⁴⁴. Talvez fossem apenas deferências especiais para gente influente.

A origem dos noivos

Por ser uma área de povoamento recente, os adultos nascidos em Lenções eram em pequeno número, prevalecendo uma população adventícia originária de áreas de povoamento mais antigo, paulistas e mineiras, principalmente. Esta observação pode ser confirmada, também, pela origem dos noivos que se casaram na vila, entre os anos de 1859 e 1889.

A Tabela 8 foi elaborada a partir dos registros que indicavam a naturalidade de noivos e noivas. Alguns registros não mencionavam este dado. Outros, mesmo indicando a naturalidade, faziam-no de tal modo vago que não foi possível identificar a província, como nestes exemplos: “natural de” Boa Vista, Rio Bonito, Capela da Serra, Santa Rita etc. Foram,

⁴² MARCÍLIO, 2006, op. cit., p. 173.

⁴³ Livro de Casamentos 43, registro 303, ACB.

portanto, desconsiderados.

A mobilidade espacial dos homens é bem maior do que a das mulheres, como seria de se esperar. Os noivos naturais da própria vila de Lenções eram em pequeno número, representando 14,3% dos 826 noivos cuja origem pôde ser identificada. Parcela semelhante dos noivos era originária de povoados próximos a Lenções, num raio de até 100 km, aproximadamente. Eram naturais de Botucatu, Jaú e demais vilas e freguesias próximas. Boa parte era oriunda de Minas, confirmando a importância da participação mineira no povoamento da região. Eram naturais de áreas mais distantes da própria província de São Paulo uma grande parcela dos noivos, 46%. Gente que saía de Itapetininga, Sorocaba, Piracicaba, Campinas, São João do Rio Claro, Faxina, Bananal e outras localidades.

A dinâmica da mobilização feminina é diferente. As noivas que se casaram na vila de Lenções eram, em boa parte (46%), originárias da própria vila ou de povoados vizinhos; 37,6% vinham de áreas paulistas de povoamento mais antigo e 14,4% eram mineiras.

O costume, ainda contemporâneo, de se realizar o casamento no local de moradia da noiva não parece ser a explicação mais plausível para o desequilíbrio na origem dos

Tabela 8 - Origem dos noivos de Lenções, 1859-1889

Origem	Noivos		Noivas		Total	
	N	%	N	%	N	%
Lenções	118	14,3	260	29,9	378	22,3
Próximo a Lenções*	119	14,4	140	16,1	259	15,3
Província de S. P.**	380	46	327	37,6	707	41,7
Província de Minas	171	20,7	125	14,4	296	17,4
Outras províncias	30	3,6	12	1,4	42	2,5
Exterior	8	1	5	0,6	13	0,8
Sub-total	826	100	869	100	1.695	100
Não identificados	227		184		411	
Total	1.053		1.053		2.106	

* Dentro de um raio de aproximadamente 100 km e exceto a própria vila de Lenções.

** Fora do raio de aproximadamente 100 km.

Fonte: Tabela elaborada a partir dos registros de casamentos do ACB, do AIPILP e do CRCA

cônjuges. Pensamos que, neste caso, os jovens vinham para se estabelecer e não apenas para buscar uma noiva.

Podemos pensar numa dinâmica: homens vinham de fora tentar a vida na fronteira aberta, casavam-se com as jovens lençoesenses e constituíam família. Muitos jovens nascidos em Lenções, por sua vez, iam tentar a sorte sertão adentro, já que nas últimas décadas do século XIX, outros povoados foram surgindo, tirando da vila de Lenções a condição de boca de sertão.

Francisco José Maria casou-se no dia 14 de outubro de 1871, um sábado, com Maria Luciana de Jesus. Nascido em Casa Branca, era filho natural de Maria Generosa de Jesus. A noiva, filha legítima, era natural de São João do Jaguarý, província de São Paulo⁴⁵. O casamento durou poucos anos, pois em março de 1875, Francisco faleceu de “repente”, aos 27 anos⁴⁶. No entanto, o casal teve dois filhos: Rosalina, nascida em 30 de setembro de 1872⁴⁷; e Iria, nascida em 18 de fevereiro de 1874⁴⁸.

João Ferreira Barbosa casou-se, em dezembro de 1874, com Virgínia Maria de Andrade. Ele era natural de Rio Claro e a noiva, da freguesia de São Domingos, vila de Lenções⁴⁹. Dessa união nasceram: Francisco, em 6 de setembro de 1875⁵⁰; Guilhermina, nascida em 25 de junho de 1877⁵¹; e Osório, nascido em 3 de dezembro de 1878⁵². Dois anos depois, dezembro de 1880, João faleceu de febre, com cerca de 30 anos de idade⁵³.

São alguns exemplos de jovens que vieram de outras regiões, casaram-se e constituíram família em Lenções, onde faleceram.

⁴⁴ CAMPOS, op. cit., p. 225.

⁴⁵ Livro de Casamentos 15, registro 42, ACB.

⁴⁶ Livro de Óbitos 12, registro 219, ACB.

⁴⁷ Livro de Batismos 16, registro 755, ACB.

⁴⁸ Livro de Batismos 29, registro 221, ACB.

⁴⁹ Livro de Casamentos 15, registro 334, ACB.

⁵⁰ Livro de Batismos 29, registro 517, ACB.

⁵¹ Livro de Batismos 33, registro 2, ACB.

⁵² Ibid., registro 290, ACB.

⁵³ Livro de Óbitos 12, registro 420, ACB.

Considerações finais

Os casamentos na área de fronteira em que se caracteriza a freguesia/vila de Lençóis na segunda metade do século XIX eram cerimônias que apresentavam alguns traços comuns a outras regiões do Brasil, ao menos na escolha do período. Por exemplo, fevereiro era o mês preferido, fenômeno comum a outras localidades da província e do país. Março, no entanto, era um mês evitado para estas cerimônias, também um comportamento comum do passado brasileiro, assim como era comum a precocidade da noiva. As jovens de primeiras núpcias casavam-se com idade na faixa de 19 anos, enquanto que a idade dos noivos apresentava variações conforme a época e o lugar. Em Lençóis, os noivos ficavam a meio caminho entre os precoces e os mais velhos.

Sábado era o dia preferido para o casamento. Aliás, ao que parece, esta era uma cerimônia que tinha dinâmica própria conforme a época e o lugar, visto que em algumas localidades a terça-feira era o dia mais procurado.

O casamento também importava estratégias, uma delas referentes ao parentesco entre os nubentes. Além de ser uma estratégia de preservação de patrimônio, como verificado por outros pesquisadores, estava relacionado também, na fronteira, à própria dinâmica de ocupação territorial, a saber, população espalhada por bairros rurais distantes entre si e formados, em boa parte, por famílias.

Se a mobilidade era uma marca característica da fronteira – recebendo povoadores vindos de distantes lugares –, isto fica mais evidenciado na análise da origem dos nubentes. A mobilidade espacial dos noivos é bem maior do que a das noivas, como seria de se esperar para uma região com estas características.

Fontes

AESP – Arquivo do Estado de São Paulo

ALESP – DAH – Assembléia Legislativa de São Paulo – Divisão de Acervo Histórico

ACB – Arquivo da Cúria de Botucatu

AIPILP – Arquivo da Igreja Presbiteriana Independente de Lençóis Paulista

CRCA – Cartório de Registro Civil e Anexos de Lençóis Paulista

Nupcialidade no sertão paulista, século XIX

Edson Fernandes

Resumo: Este trabalho trata da nupcialidade numa área do sertão paulista - região situada entre os rios Tietê e Paranapanema - na segunda metade do século XIX. Com base em registros paroquiais e cartoriais, pôde-se verificar que o mês preferido para os casamentos era fevereiro, enquanto que aquele a ser evitado era março, padrão comum a outras localidades brasileiras. Sábado era, de longe, o dia em que mais ocorriam estas cerimônias, concentrando quase a metade delas. Sexta-feira era um dia a ser evitado. As noivas lençoenses de primeiro casamento apresentavam uma idade média comum às noivas de outras regiões do país, o mesmo não se sucedendo com os noivos. Os casamentos entre nubentes aparentados também se verificou em Lençóis, consequência da dispersão da população em bairros rurais, distantes do núcleo urbano e formados, em parte, por famílias. Há diferenças significativas quanto à origem dos noivos: a mobilidade espacial dos homens era maior do que a das mulheres. Boa parte destas era originária da própria freguesia/vila de Lençóis, o que não era o caso dos noivos homens.

Palavras-chave: fronteira; nupcialidade; consanguinidade.

Abstract: This work is about the bridal in the paulista backwoods – region located between Tietê and Paranapanema rivers – in the second half of the nineteenth century. As for the weddings, the favorite month was February and that one they used to avoid was March, common standard to the other Brazilian towns. Saturday was, by far, the favorite day for this ceremony, concentrating almost half of them. Friday was, again, a day to be avoided. The brides from Lençoes who were getting married for the first time were at the common average age to the other brides from other areas, the same didn't happen to the grooms. The weddings between fiancé and fiancée who were relatives were also verified in Lençóis, in consequence to the population dispersed in rural neighborhoods, far away

Edson Fernandes

from the urban nuclei, and constituted, in part, by families. There are significant differences related to the grooms' origins: the men's spatial mobility was greater than the women's. Great part of brides was originated from the own Lenções village, and it wasn't the same case for the grooms.

Key words: frontier; bridal; consanguinity.

Artigo recebido para publicação em 28/01/2009

Artigo aprovado para publicação em 22/06/2009